

A VELA EM VILLEGAGNON: 1938 – 1972

Capitão de Mar e Guerra (Ref)
Pedro Gomes dos Santos Filho¹

Pintura de autoria do Contra-Almirante Trajano Augusto de Carvalho, registrada no seu livro “Nossa Marinha seus feitos e glórias: 1822 – 1940”, retrata um bordejo de escaleres a vela, conduzindo Aspirantes sob a orientação do Capitão-Tenente Arthur de Oliveira, em 1895. A tela demonstra que, desde tempos remotos, a prática da vela na Escola Naval está presente na formação dos Aspirantes.

Há registros que, a partir dos anos 1930, quando a Escola Naval ainda era localizada na Ilha das Enxadas, foi instituído um programa de instrução, que visava aprimorar nos Aspirantes a arte de velejar. Desde essa época, a Escola participava de regatas como convidada dos clubes e da Federação de Vela e Motor da cidade do Rio de Janeiro.

A longeva ligação da vela com a Escola motivou-nos a pesquisar como a prática veleira teve continuidade após a transferência da Ilha das Enxadas para as novas instalações em Villegagnon, em 1938, época em que o “yachting” (iatismo) começava a ganhar importância no Rio de Janeiro como esporte náutico de prestígio. Surge, então, o presente artigo, que pretende explorar os acontecimentos relativos à vela nas primeiras décadas da Escola Naval, em Villegagnon. Para tanto, vamos nos apoiar, principalmente, nos depoimentos de quem vivenciou a época e deixou registros em diversas fontes, que nos permitem voltar no tempo e ter conhecimento da dedicação daqueles que foram pioneiros e responsáveis pela importância que a prática da vela tem na formação dos nossos “Sentinelas dos mares”.

O primeiro Diretor da EN² em Villegagnon, Contra-Almirante Américo Vieira de Mello, considerava a

prática do remo e da vela indispensável para a formação dos Aspirantes. Logo após a mudança da sede da Escola, tomou providências no sentido de aprimorar essa formação. Diz o Almirante no seu livro de memórias:

A instrução profissional na Escola havia decaído muito nos últimos anos. Tive ocasião de observar, logo que assumi a direção da Escola, como havia desaparecido o gosto pelos exercícios propriamente marítimos, isto é, pelo remo e pelo escaler a vela. Para falar a verdade, o corpo de alunos não sabia mais remar nem andar a vela. Entre alguns aspirantes havia algum entusiasmo pelos prazeres do “yachting” nas organizações esportivas civis, mas sobre os bordejos em escaleres regulamentares nem se falava (MELLO, 1994, p.125).

A partir da orientação do Diretor, a vela começou a ganhar prioridade. Um ano após a instalação definitiva em Villegagnon, 1939, a motivação para os esportes náuticos era animadora. De acordo com o registrado na revista “A Galera”, em nota sobre os “Sports Náuticos”, de autoria do Aspirante Roberto C. Coimbra:

Nesse ano o interesse pelos sports náuticos, principalmente pela vela, começou bem cedo. Os *cutters* eram as figuras centrais das cogitações de todos; todos queriam vê-los de perto, neles navegar, bordejar nas embarcações que tanto se falava. E tinham razão porque de fato os *cutters* ultrapassam qualquer expectativa. [...] Esses *cutters* inauguram uma nova classe construída especialmente para a navegação na baía do Rio de Janeiro, donde se chamar “classe Guanabara” (COIMBRA, 1939, p.53).

¹ Doutor em Política e Estratégia pela Escola Superior de Guerra.

² A designação foi alterada para “Comandante da Escola Naval” somente em 1981.

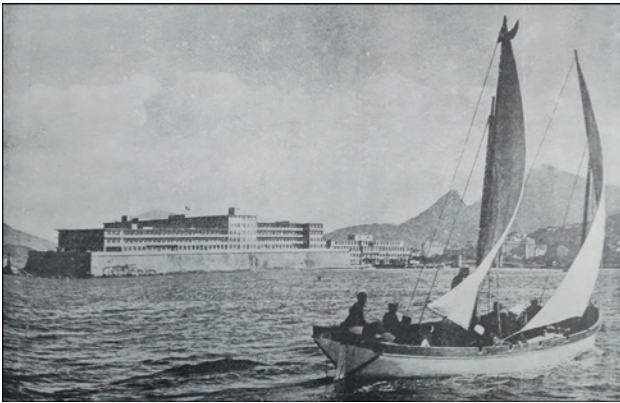


Figura 1. Bordejo³ em escaler a vela – década de 1940

Em substituição a Vieira de Mello, assume a direção da Escola, o Contra-Almirante Adalberto de Lemos Basto, que dá prosseguimento às ações de incentivo aos esportes náuticos, priorizando o iatismo. No primeiro ano de sua gestão, 1940, cria a regata “Volta à Ilha Rasa” e motiva os Aspirantes a participarem dos campeonatos promovidos pelo Fluminense Yacht Club, que mais tarde alterou o nome para Iate Clube do Rio de Janeiro.

Sobre essas competições, o Comandante Euclides Quandt de Oliveira, que exerceu o cargo de Ministro das Comunicações no Governo Geisel, lembra, na sua autobiografia, as suas participações quando Aspirante: “Em 1940 fiz parte da guarnição do veleiro tipo *Guanabara*, que venceu o campeonato carioca nessa classe, organizado pelo Iate Clube do Rio de Janeiro” (OLIVEIRA, 2007, p.27).

No ano seguinte, continuam as iniciativas do Almirante Lemos Basto. É criada a regata de ida e volta à Ilha Grande, contornando o farol de Pau a Pino⁴, com percurso de 120 milhas, considerada a primeira regata de oceano no Brasil. Ao término da regata, o Diretor da Escola decide condecorar os Aspirantes que participaram por terem demonstrado arrojo e espírito marinheiro, perfazendo o longo percurso em três dias. A condecoração vem com a criação, em 14 de janeiro de 1941, da Ordem dos Veleiros da Escola Naval, com seus graus de Ma-

rinheiro, Patrão e Capitão⁵. A ascensão dos graus dependia da participação efetiva em regatas, da prática e da técnica como patrão em *cutters*⁶ e escaleres, do trabalho no desenvolvimento da vela, do número de vitórias e, principalmente, do amor às coisas do mar e do esporte.

Por participarem da Volta a Pau a Pino, guarnecendo os escaleres ou os *cutters* *Gaiivota*, *Marreco* e *Mergulhão*, 16 aspirantes foram os primeiros a serem agraciados com a Ordem dos Veleiros no grau de Marinheiro: Gabriel de Almeida Fialho, Elcy Silveira da Rosa, Murillo Bastos Martins, Adhaury Costa e Rocha, Carlos Ernesto Messiano, Colbert Demaria Boiteux, José Freire Parreiras Horta, Geraldo Labarthe Lebre, Ary Marques Jones, Francisco Ernesto Bulhões de Carvalho, Luiz Gonzaga Langsch Dutra, John Anderson Munro, Carlos Borba, Gustavo Eugênio de Oliveira Borges, Horacio Rubens de Mello e Souza e Jonas Corrêa da Costa Sobrinho.

A fundação da Ordem dos Veleiros foi um grande passo para concretizar a ideia, vislumbrada pelos Aspirantes Euclides Quandt de Oliveira e Gabriel de Almeida Fialho de se instituir uma agremiação que pudesse unir a Marinha ao esporte e à vela. Em 1943, é criado o Grêmio de Vela da Escola Naval (GVEN). À época, já havia assumido a Direção da EN o Contra-Almirante Mário Hecksher.

O GVEN teve como sócios fundadores o Guarda-Marinha Luiz Gonzaga Langsch Dutra⁷ e os aspirantes José Aratanha, Amaral Saboia, Aécio de Souza, Antonio Didier, Fernando Achilles, Helio Maranhão, Fernando Chagas, Albuquerque Lins, Paulo Lindeberg e Mauricio Taveira.

Um desses aspirantes, Antonio Didier Viana, deixou registradas suas impressões sobre o início do Grêmio: “O Diretor da Escola Naval criou o Grêmio de Vela ao qual deu todo apoio. Inscrevia os barcos da Escola nas competições do Iate Clube do

³ Bordejar: Navegar em zigue zague; andar aos bordos; dar bordadas; mudar de rumo constantemente para aproveitar ventos favoráveis.

⁴ A regata também ficou conhecida como “Volta a Pau a Pino”.

⁵ O grau de Capitão-mor é reservado ao Diretor da Escola em exercício.

⁶ Cutter: Embarcação pequena de estrutura constituída de gurupês e um mastro envergando pano latino e gafetope, usada especialmente em regatas a vela.

⁷ Chefe de Classe EN 39 – GM 43, primeiro Presidente do GVEN e um dos pioneiros a atingir o grau de Capitão na Ordem dos Veleiros.

Rio de Janeiro, para induzir os aspirantes a se familiarizarem com as coisas do mar” (VIANNA, 2013, p.20). Didier relata também que a descoberta, na biblioteca da Escola, de um livro técnico em francês do suíço Manfred Cury com informações sobre barcos, velas e técnicas de regata e a divulgação dos seus ensinamentos foram um grande trunfo para o aprimoramento do desempenho dos veleiros da EN, que em paralelo receberam apoio da direção da Escola no que tange à montagem de equipamentos improvisados para o Grêmio e à aquisição de velas novas para os barcos.

No ano seguinte à criação do GVEN, a prática da vela na EN era intensa. Ao recordar esse tempo, diz o Almirante Luiz Edmundo Brígido Bittencourt:

Lembro-me, também, que, já como calouro, fazia parte da guarnição de um dos escaleres que defendiam a camiseta branca da turma de 1944 em diversas regatas internas que aconteciam naquele tempo: volta à Lage, volta à Ilha... (passando por debaixo da ponte, o que implicava em desmontar e montar os mastros), volta à Paquetá e a peculiar “Maria Cebola”, em que remo e vela eram igualmente válidos, desde que montássemos Jurubaíba (BITTENCOURT, 1997, p.12).

Em paralelo, os clubes de iatismo também criam as suas regatas, motivando ainda mais a participação dos Aspirantes. Como assinala o Almirante Blower sobre essa época:

A Regata ‘Volta de Paquetá’, patrocinada pelo Iate Clube Brasileiro, situado no Saco de São Francisco, tinha sua largada realizada na tarde de um sábado, com o propósito de permitir que a chegada dos barcos acontecesse na tarde de domingo, cerca de 20 horas após a partida.

Participavam da regata barcos a vela de todas as classes: seis metros internacionais, *hagen sharpies*, *sharpies 12m*, cariocas e guanabaras, inclusive barcos da Escola Naval nesta última classe (BLOWER, 2003, p.225).

Nesses primeiros anos em Villegagnon, os Aspirantes eram convidados pelos clubes náuticos filiados à federação a participarem das regatas por eles promovidas sem a necessidade de pagarem as altas taxas de inscrição vigentes. Com o sentimento de gratidão e espírito marinheiro, os Aspirantes decidem retribuir a gentileza, instituindo uma competição isenta de taxa de inscrição, aberta a todos os velejadores que cruzassem a linha de partida.

Assim, em 1946, na gestão do Contra-Almirante Braz Paulino de França Vellozo, fato da maior importância para o iatismo nacional ocorre na Escola. Com a presença do Ministro da Marinha, Almirante Jorge Dodsworth Martins, do Diretor da EN e de outras autoridades, precisamente às 14 horas do dia 8 de setembro, mais de 70 embarcações tomaram posição na linha de partida para o início da primeira Regata Escola Naval, na ocasião denominada Taça Escola Naval. O evento iria se tornar uma das mais importantes e tradicionais competições do iatismo latino-americano.

A Regata EN estimulou ainda mais as atividades veleiras. Dois anos após a sua criação, alguns Aspirantes, com muita vibração, foram receber os primeiros barcos oceânicos. O fato ficou assinalado nas palavras de um desses Aspirantes, Bernard David Blower:

O primeiro, o Procelária, foi doado à Escola Naval pelo Dr. Pimentel Duarte e recebeu o nome de Grazina; o segundo, já quando cursávamos o 4º ano, foi o Albatroz, adquirido de um proprietário inglês, que havia transformado a sua mastreação para navegação de cruzeiro, quando, na versão original, era do tipo *wishbone rigging*, introduzida pelo grande projetista inglês Ufe Fox, que proporcionava muito melhor desempenho, principalmente na orça (BLOWER, 2003, p.231).

Mais um depoimento sobre esse tempo ficou a cargo do Capitão de Mar e Guerra Fernando M. Baptista da Costa em artigo para a Revista do Clube Naval. Nesse artigo, o autor também relembra a Regata “Maria Cebola” e registra que o Iate *Albatroz*, adquirido em 1948, permitiu à Escola Naval competir, em nível mais profissional, nas regatas interestaduais e interna-

cionais. Além disso, o artigo enaltece a participação do então Capitão-Tenente Roberto Mário Monerat nas atividades de remo e vela da Escola, tendo inclusive conseguido que os Aspirantes viajassem a bordo do veleiro *Atrevida*, competidor assíduo da Regata Buenos Aires – Rio, sob o comando do seu proprietário, Dr. José Cândido Pimentel Duarte.

Além de doar o veleiro *Procelária*, o Dr. Pimentel Duarte, à época Presidente da Liga Carioca de Vela e Motor, em muito contribuiu para a prática da vela em Villegagnon nos seus primórdios. Considerado o maior impulsionador das regatas de longo percurso no Brasil, chegou a ministrar aulas de vela na Escola, às quais os aspirantes assistiam com grande interesse. Foi um dos primeiros a receber o grau de Capitão da Ordem dos Veleiros da EN. Para homenagear o grande veleiro, os aspirantes se deslocaram até o Iate Clube do Rio de Janeiro, quando, em uma singela cerimônia, entregaram o distintivo e o diploma correspondente. Na ocasião, o orador foi o Aspirante Chagas, presidente do Grêmio de Vela, que proferiu um breve, mas belo, discurso:

Em nome dos Aspirantes de Marinha eu vos entrego o distintivo e o diploma da Ordem dos Veleiros da Escola Naval no Grau de Capitão. Peço-vos que ao recebais como reconhecimento dos Aspirantes e também como homenagem dessa Mocidade Veleira da Guanabara, destes jovens que em horas de folga de seus afazeres diários enchem as salas desta Casa para receber os vossos ensinamentos, desta rapaziada por quem tanto tendes trabalhado, e a quem muito ensinais pelo vosso exemplo de amor à Vida no Mar, mostrando-lhes o quanto é útil a prática da Vela, a prática do esporte pelo esporte, e que ela pode trabalhar muito pelo nosso País, trabalhando pela Vela, pois trabalhar um pouco pela Vela é trabalhar pelo Brasil (CHAGAS, 1940).

Pimentel Duarte reconhecidamente mereceu essa homenagem. Além do apoio à Escola Naval e de muito que contribuiu para o esporte náutico no Brasil, foi o responsável pela realização da primeira Regata Buenos Aires – Rio, da qual participou com o seu famoso veleiro *Vendaval*. Com o tempo, o *Vendaval*,

barco campeão de várias regatas e com uma longa história na Vela, perdeu a competitividade e foi vendido. Adquirido por um Oficial de Marinha após passar por vários donos, foi doado à EN, passou por uma reforma, mas ficou sem condições de competir como antes.



Figura 2. Entrega da Ordem dos Veleiros da Escola Naval ao Dr. Pimentel Duarte

Na década de 1950, as atividades do GVEN continuam a evoluir. No primeiro ano, o *Albatroz*, com Aspirantes na tripulação, participa da Regata Buenos Aires – Rio. Nessa época, o Almirante Lemos Basto atua como Presidente da Confederação Brasileira de Vela e Motor e apoia a sua querida Escola. A Regata Escola Naval vai adquirindo prestígio na comunidade veleira. As primeiras regatas atingem a marca de mais de 100 barcos na raia. Recordes em número de participantes viram rotina.

Nos 10 anos seguintes, são admitidas novas classes de embarcações, promovendo o aumento do número de inscrições. Mais recordes.

Em 1961, é criado o símbolo do GVEN por Aspirantes da Turma Quevedo (1957-61). O Comandante Ronald Cardoso Guimarães, no livro de comemoração dos 60 anos de entrada de sua Turma na Escola Naval, dá seu depoimento referente à criação do símbolo.

A Regata Escola Naval – Adoção do Símbolo. Fomos designados, eu e o saudoso Ferraz (que nomina nossa Estação Antártica) para organizá-la naquele ano de 1961. [...] O Ferraz resolveu criar um símbolo para a Regata daquele ano, que veio a se tornar permanente e hoje é também o símbolo do Grêmio de Vela. Trata-se de duas velas de balão entrelaçadas, uma listrada de encarnado e branco e a outra de amarelo e preto e que vige até hoje (GUIMARÃES, 2017, p.109).



Em 1967, têm início as atividades em terra durante a Regata Escola Naval promovidas pela Escola, permitindo a participação de familiares dos iatistas e do público em geral.

Dois anos depois, o Grêmio de Vela da Escola Naval recebe dois veleiros *Califórnia 40* (*Cal 40*), da classe *Oceano*, batizados *Villegagnon* e *Coligny*. Esses barcos conquistam mais vitórias para o GVEN, ao substituir com galhardia o valente *Brekelé*, classe *Guanabara*, também vencedor de muitas regatas. São designados para servir na EN dois renomados velejadores: Comandante Oscar Matoso Maia Forte e Tenente Robinson Hasselmann, que mais tarde puderam contar com a colaboração de outro grande velejador, o Capitão-Tenente Érico Albuquerque.

Um dia antes da XXIV Regata Escola Naval, é realizada a Regata Almirante Lemos Basto, homenagem a um dos maiores impulsionadores do iatismo no Rio de Janeiro, pioneiro em promover a primeira regata de oceano no país.

Em 4 de outubro de 1970, acontece a XXV Regata Escola Naval, que conta com participante muito especial: o Almirante Benjamin Sodré, Oficial de escol, ícone do esporte na Marinha, destaque do Escotismo brasileiro, ídolo dos escoteiros do mar. O Almirante participa da regata junto com seu neto, no barco *Fragata VII*, pertencente a seu filho, que também participou da prova. Pelo registro que deixou, podemos ter a exata ideia do que aconteceu na competição:

No mar cerca de 300 barcos aguardavam. Às 13 horas foi dada a primeira largada, para barcos de oceano; seis minutos após, para nossa classe, solings. A chuva não cessou nem um momento. Vento nenhum. Maré começando a encher. Vento nenhum. Maré começando a encher. Afinal, uma aragem imperceptível permitiu que passássemos a linha de partida. A chuva persistia. Quase parados, os barcos embolavam sacudidos pelos vagalhões que vinham da barra. As horas corriam sem nenhuma esperança de melhorar as condições. Afinal, cerca de 16 horas, veio a comunicação de que a prova estava cancelada. Era o bom senso (SODRÉ, 1989, p.202).

No ano do Sesquicentenário da Independência (1972), ocorrem três fatos marcantes para a vela em Villegagnon: a EN sagra-se campeã em todas as classes disputadas no Campeonato das Forças Armadas; pela primeira vez, a Regata Escola Naval conta com a participação de barcos americanos; o GVEN tem a sua flotilha da classe *Soling* reconhecida pela Associação Brasileira de *Soling* e, em consequência, os barcos da flotilha não precisam mais ser incorporados à flotilha de um clube civil.

O contexto temporal delineado para este artigo atinge o seu limite. Toda a saga da vela em Villegagnon no período considerado pode ser resumida em um trecho do editorial do Jornal do Brasil alusivo à XXV Regata Escola Naval:

“A regata, pelo que representa no iatismo carioca e pela grandiosidade do espetáculo, há muito deixou de ser mais uma prova esportiva, para se transformar na grande festa de conagração e confraternização do iatismo brasileiro” (JORNAL DO BRASIL, 1970).

Finalmente, cabe salientar que este artigo é uma homenagem, ainda que singela, a todos aqueles que, servindo no solo sagrado de Villegagnon, contribuíram para alcançar o prestígio nacional e internacional de que desfruta atualmente a vela, “o esporte dos homens do mar”.



Figura 3. Panfleto da XXV Regata Escola Naval



Figura 4. Medalha outorgada na XXV Regata Escola Naval – 1970

REFERÊNCIAS

- BITTENCOURT, Luiz Edmundo Brígido. Veleiros ... minhas recordações com a vela. Revista Marítima Brasileira, v. 117, out./dez. 1997.
- BLOWER, Bernard David. O lado pitoresco da vida naval. Revista Marítima Brasileira, v. 123, jan./mar. 2003.
- CHAGAS, Aspirante. Veleiros da Guanabara! Revista “A Galera”, 1940.
- COIMBRA, Roberto C. “Sports Náuticos”, Revista “A Galera”, 1939.
- COSTA, Fernando M. Baptista. Escola Naval 1948: a história que não foi contada Revista do Clube Naval, n° 340, 2009.
- GUIMARÃES, Ronald Cardoso. “Turma Quevedo (GM 1961): sessenta anos de participação na vida brasileira”. Diretoria da ATQ, 2017.
- JORNAL DO BRASIL. Editorial. 04 de out. de 1970.
- MELLO, Américo Vieira de. Memórias: visão histórica da Marinha Brasileira, 1895 a 1945. São Paulo: O Escriba, 1994.
- OLIVEIRA, Euclides Quandt de. Autobiografia. Rio de Janeiro: Ed. Rio, 2007.
- SODRÉ, Dora. A educação pelo exemplo – Momentos da vida de Benjamin Sodré. Rio de Janeiro: EDC Didática e Científica Ltda; 1989.
- VIANNA, Antonio Didier. Competitividade e a Indústria brasileira: por que o Brasil não é competitivo. Rio de Janeiro: Editora Jaguatirica Digital, 2013.